

Bibliografia

- AGUADED, I. José (s/d) *Conviver con la televisión: Família, educación y recepción televisiva - Educar a ver televisión: el telespectador activo*. FERREIRA, Manuela, e Pinto, Manuel (1999) "Fragmentos dos Discursos e Práticas de Crianças Acerca da Televisão no seu Quotidiano". *Educação, Sociedade e Culturas*, n.º 12, pp. 163-203.
- LAZAR (s/d) *Escola, Comunicação, televisão*. Porto: Rés Editora.
- LURÇAT, L. (1995) *Tempos Cativos: As Crianças TV*. Lisboa: Edições 70.
- PEREIRA, Sara (1999) *A Televisão na Família: Processos de Mediação Com Crianças em Idade Pré-Escolar*. Braga: CESC.
- PINTO, Manuel (2000) *A Televisão no Quotidiano das Crianças*. Porto: Afrontamento.

VASCONCELOS, Teresa, *Ao Redor da Mesa Grande, a prática educativa de Ana, 200?*. Porto: Porto Editora, 269 páginas.

Embora publicada há já quatro anos, a pertinência da obra de Teresa Vasconcelos, deve-se ao facto de, num contexto como o português, pautado pela escassez de estudos sobre o grupo profissional das educadoras de infância, ser um trabalho pioneiro sobre a prática de uma educadora, constituindo-se, como tal, num contributo para a visibilidade e reconhecimento social deste sector de educação e, em última instância, da infância. Acresce ainda realçar a originalidade do método quando a autora, ao colocar-se numa perspectiva interpretativa, se socorre da etnografia para descrever em profundidade a prática diária da educadora e de métodos biográficos para permitir uma melhor compreensão do seu percurso pessoal, assumindo o seu trabalho como uma investigação no feminino: "queria estudar uma educadora exímia, de dentro para fora e pela voz dessa educadora na minha qualidade de membro do mesmo grupo e através da minha imersão na sua vida" (p. 21).

Compreender o modo como a Ana se tornou numa educadora mestra" (p. 20), é a questão central da investigação, à qual subjaz

a problemática da construção social da profissionalidade e da identidade das educadoras de infância. Focalizada em termos da "compreensão da natureza da competência daquela educadora" (p. 18), ao descrever a prática educativa de Ana através de uma observação do seu espaço de trabalho, do modo como ela interagia com as crianças, os pais e outras colegas, de como organizava o dia-a-dia da sua sala de actividades e entendia o significado do seu trabalho, a autora procura captar "qual o grau de empenhamento e competência que distingue a Ana como educadora mestra"; "quais são as principais 'epifanias' ou pontos de viragem que moldaram a vida da Ana como pessoa e como educadora"; "de que forma foi a prática educativa de Ana, moldada e influenciada pela sua biografia pessoal e profissional"; "como é que uma educadora-mestra entende o ser educadora-mestra" (p. 20). Em suma, procura compreender qual o ponto de intersecção da sua biografia pessoal e profissional com a sua prática diária, por forma a construir um "retrato" em profundidade de Ana como educadora de infância (p. 21).

Este retrato ganha contornos, à medida que a autora, começando por nos inteirar da sua proposta de trabalho e dos seus fundamentos teóricos e metodológicos (capítulos 1, 2 e 3, respectivamente), o prossegue com a apresentação do percurso pessoal e profissional da Ana. Assim, no capítulo 4, o retrato da Ana, dito a duas vozes, por si e pela sua filha, situa a sua história de vida na história, realçando dimensões relativas à sua origem familiar e de classe, à sua vida afectiva e destacando a influência que tiveram acontecimentos e movimentos políticos e pedagógicos - o movimento da Escola Moderna - na sua formação pessoal e profissional. É na confluência deste percurso e destas experiências pessoais que a autora situa a construção do "eu moral" desta educadora.

O capítulo 5, fornece-nos um conjunto de informação que nos situa no quotidiano JI da Figueirinha, no modo como está organizado o espaço, tempo e as actividades e, ao mesmo tempo, nos dá a conhecer os seus actores - crianças, pais e familiares, auxiliar e outras educadoras - e os instrumentos de trabalho (MEM) da Ana. Depois, somos conduzidas para "dentro" da sala de actividades da Ana, o que nos permite compreender o modo como a educadora "domina o quotidiano através de um puzzle diário de tarefas, responsabilidade, acontecimentos e rotinas" (capítulo 6). Assinala-se aqui a preocupação da autora na defesa e valorização daquilo que sendo considerado insignificante, secundário e trivial, o trabalho de "gestão doméstica", é vital para a qualidade de vida quotidiana do JI da Figueirinha. "Respeitar e ser respeitado"; "manter a organização do puzzle quotidiano da sala de actividades aberto ao imprevisto" (p. 146); "transformar

o momento que passa num acontecimento educativo"; "dar autonomia às crianças" "dando-lhes o apoio que elas necessitam, facultando-lhes 'andaimes' para que se bastem a si próprias" (pp: 146-148); estas são as qualidade que, segundo a autora, fazem da Ana uma "mestra" do quotidiano" (p. 151).

"Sentemo-nos à volta da mesa grande", eis a metáfora encontrada por Teresa Vasconcelos para sintetizar, no capítulo 7, a construção de uma comunidade democrática na sala de actividades, alimentada através da conversa, discussão, planificação, registo e preservação da memória colectiva, "dando às crianças as ferramentas de que elas precisam para funcionar no mundo que as rodeia, e ensinando-lhes a cultura da comunidade de que são parte integrante" (p. 208).

A discussão da prática educativa da Ana, é o que acontece no capítulo 8, onde são relevados a solicitude como o cerne do seu "eu moral"; a vida na sala de actividades como um puzzle quotidianamente reconstruído; a importância de alimentar a memória colectiva do grupo e o "gosto" da Mesa Grande como uma forma de cuidar da vida do grupo. Por fim, no capítulo 9, tratando-se da conclusão, Teresa Vasconcelos, procura teorizar a prática educativa analisada, enfatizando a multiplicidade das dimensões privada e profissional da educadora que radicadas num "eu moral" como centro do acto de educar e numa visão da criança como actor, se consubstanciam na existência de um currículo emergente do mutável puzzle diário e da vida na sala como uma construção democrática.

Quando então nos arredamos "da mesa grande", não podemos deixar de reiterar a relevância desta obra, em primeiro lugar, porque

tem a virtude de afirmar o trabalho da educadora como um trabalho situado na esfera do educativo, dotado de intencionalidade e suportado por um conhecimento informado cientificamente. Este aspecto é tão mais importante se pensarmos que ao trabalho destas profissionais subjaz ainda uma forte representação social que as define por referência ao mundo assistencial, onde o exercício de funções de guarda e o recurso a competências maternas se afigurava como condição necessária e suficiente. Em segundo lugar, salientamos o seu contributo para obviar a condição de marginalidade a que tem sido votada esta profissão e os seus principais actores e promover o reconhecimento e valorização social do seu trabalho. Finalmente, não podemos deixar de referir que outro aspecto significativo desta obra decorre da invulgar concepção de criança - como actor social - que nela é advogada.

Todavia, não podemos deixar de questionar alguns aspectos que esta obra nos suscitou, tanto mais que o fazemos na qualidade de educadoras. Consideramos assim que o retrato da Ana se nos apresenta num registo demasiado simples e linear, ou seja; despojado da complexidade e densidade que atravessa qualquer prática educativa. Queremos com isto dizer, em primeiro lugar que, quando ao nível da análise do exercício da prática daquela educadora estão ausentes as contradições, as incoerências, frustrações, dúvidas, ignorâncias, impotência, angústias, irracionalidade..., a imagem que finalmente sobrevem acaba por ser, a nosso ver, uma imagem demasiado idealizada da "educadora-mestra". Estas dimensões intrinsecamente humanas e constitutivas da identidade pessoal e profissional, não sendo integradas na compreensão da própria construção da com-

petência, correm o risco de ser lidas como "incompetências" e, ao fazê-lo, de naturalizar a identidade profissional na base de uma "vocação" e de justificar a competência profissional na base de uma reflexividade decorrente de atributos psicológicos; portanto, assente em explicações de tipo individualista. Nesta medida, assistimos, frequentemente a uma certa sobreposição muda de discursos - a voz da Ana, os registos de observação da prática da Ana e a sua análise -; sobreposição essa que não mantendo relações de interpelação entre si, quase reduz a análise à mera constatação.

Em segundo lugar, e dado que uma das virtudes apontadas ao trabalho da Ana, é o construir um sentido de comunidade e uma comunidade de sentidos partilhados e participados ao "Redor da mesa grande", o que significa, do nosso ponto de vista ter e trazer para a "mesa" as heterogeneidades várias - classe social, género, gerações e fracções de idade, experiência institucional... - e a negociação dos seus poderes e saberes diferenciados e desiguais, parece-nos que, finalmente, tal dimensão social e política fica aquém da expectativa criada inicialmente pela autora. Ora, sendo precisamente esta dimensão que confere complexidade e densidade às dinâmicas relacionais presentes no contexto educativo, sendo que é o modo como, neste caso, a educadora lida com elas que torna a sua prática dotada de singularidade e, ao mesmo tempo, dá consistência à sua própria identidade como profissional, o retrato que sobrevem daquela "comunidade" acaba por se pautar por um certo monolitismo que sob a capa da harmonia e do consenso, despolitiza a intervenção educativa. A sua simplificação, num quadro que interpreta a disciplinação, por exemplo, como uma tarefa fácil



(p. 140), torna invisíveis os processos de resistência e transgressão, estruturantes da construção de uma comunidade democrática.

O modo como então nos é devolvido o retrato desta educadora nas suas qualidades substantivas - mestra, competente, exímia - pode ter então, como efeitos sociais, as suposições de que o sucesso da intervenção educativa dependem da conjugação entre mestria da educador - é como se a Ana fosse uma m(a)estra que rege uma orquestra sem que haja lugar a qualquer dissonância - e o exercício o modelo

educativo advogado pelo Movimento da Escola Moderna como sendo o exemplo a seguir. Não dar a atenção merecida às relações de poder, à co-existência de interesses conflitivos e concorrentes, às estranhezas e familiaridades com que as crianças se confrontam face à cultura do JI, ocultando processos de reprodução social e cultural, é subestimar a importância da dimensão sociológica no campo educativo.

*Elsa Rocha, Dulce Abreu
e Manuela Ferreira*